

OS SÍMBOLOS, AS TRADIÇÕES E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO CADETE DA AERONÁUTICA¹

THE SYMBOLS, TRADITIONS AND FORMATION OF THE IDENTITY OF THE AIR FORCE CADET

Leonardo de Sá Garcia²
Rebeca Aparecida Méga*

RESUMO

A Academia da Força Aérea (AFA), enquanto instituição de ensino militar, busca desenvolver em seus Cadetes competências que vão além do campo intelectual, mas que também englobem atitudes voltadas aos seus valores e ideais, aplicando, para isso, diversas técnicas de doutrinação. Nesta pesquisa, investigou-se o papel dos símbolos e das tradições na formação da identidade do Cadete da Aeronáutica. Para tal, o comportamento e a postura militar foram considerados como fatos sociais (com base no método sociológico desenvolvido por Émile Durkheim) e o símbolo como fenômeno e objeto de estudo multidisciplinar que envolve a Psicologia, a Sociologia e a Semiótica. Conceitos dessas áreas do saber foram explorados com a finalidade de sintetizar qual seja a influência causada pela constante exposição do indivíduo à produção cultural militar no que concerne a sua identidade, sua motivação e suas aspirações. Tal esforço objetivou analisar o uso institucional de meios imagéticos e a possibilidade de aprimoramento da doutrinação militar, compreendendo a profundidade do ensino de valores castrenses no âmbito subjetivo, de modo a formar profissionais que cada vez mais se identifiquem com os ideais da instituição. A investigação é predominantemente qualitativa, de base bibliográfica e enfatiza papéis e significados gerais do símbolo como fenômeno psicológico, social e organizacional. Para tal, descrevem-se os diversos símbolos, tradições, ritos, rotinas e demais aspectos culturais identificados no espaço da Academia mediante observação do pesquisador. O perfil profissional exigido pela Força Aérea Brasileira (FAB) e demais aspectos estratégicos correlacionados a esse universo de pesquisa foram apresentados em base documental, recuperando legislações vigentes da instituição. Os resultados da análise indicam uma forte identificação gerada pelas atividades coletivas e pela presença da linguagem simbólica no ambiente institucional, bem como diversas possibilidades de ressignificações psicológicas que internalizem valores e motivação.

Palavras-chave: Militarismo; Símbolos; Tradições; Identidade; Organizações.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Intendentes (CFOInt) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete Intendente do 4º Esquadrão (Turma *Orthrus*, 2020).

* 2º Ten QOCon Magistério Língua Portuguesa Superior. Especialista em Educação e Tecnologias pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestra em Estudos de Literatura e Doutoranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da UFSCar. Licencianda em Pedagogia pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp). Adjunta da Coordenadoria de Trabalhos de Conclusão de Curso (CTCC), da Subdivisão de Pesquisa e Produção Científica (SPPC) da Divisão de Ensino (DE) da AFA. E-mail: rebecamegaram@fab.mil.br.

ABSTRACT

The Air Force Academy, as a military educational institution, aims to develop competencies in its Cadets that go beyond the intellectual realm, but also encompass attitudes aligned with its values and ideals, applying various indoctrination techniques for this purpose. This research investigated the role of symbols and traditions in shaping the identity of the Air Force Cadet. To do so, military behavior and posture were considered as social facts (based on the sociological method developed by Émile Durkheim), and symbols were regarded as a multidisciplinary phenomenon and object of study involving Psychology, Sociology, and Semiotics. Concepts from these areas of knowledge were explored to synthesize the influence caused by the constant exposure of individuals to military cultural production concerning their identity, motivation, and aspirations. This effort aimed to analyze the institutional use of imagery and the potential for enhancing military indoctrination, understanding the depth of teaching military values in the subjective realm, in order to shape professionals who increasingly identify with the institution's ideals. The research is predominantly qualitative, based on bibliographic sources, and emphasizes the general roles and meanings of symbols as psychological, social, and organizational phenomena. To achieve this, various symbols, traditions, rituals, routines, and other cultural aspects identified within the Academy's space are described based on the researcher's observations. The professional profile required by the Brazilian Air Force and other strategic aspects correlated to this research were presented based on documentary sources, including current legislation of the institution. The analysis results indicate a strong identification generated by collective activities and the presence of symbolic language in the institutional environment, as well as various possibilities for psychological reinterpretations that internalize values and motivation.

Keywords: Militarism; Symbols; Traditions; Identity; Organizations.

INTRODUÇÃO

A Academia da Força Aérea (AFA) é uma instituição militar de Ensino Superior que tem por finalidade a formação intelectual e profissional de Aspirantes a Oficiais dos Quadros de Oficiais Aviadores (QOAv), Intendentes (QOInt) e de Infantaria da Aeronáutica (QOInf), observando os mais altos padrões militares, culturais, éticos, morais, cívicos e sociais (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2021, p. 9).

Ao longo da formação, o Cadete da Aeronáutica passa por um extenso processo de doutrinação, em que constantemente lhe são internalizados valores, crenças, atitudes e comportamentos associados à vida militar. Tal influência é alcançada principalmente por meio de um processo de ressocialização (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 116), no qual o Cadete, anteriormente acostumado ao convívio familiar, passa a imergir integralmente em um ambiente com características, tradições e normas altamente específicas, onde também está sujeito a uma intensa

interação social. Entende-se, portanto, que a instituição busca mobilizar esta internalização de forma profunda e eficiente, para que o Cadete desenvolva as competências atitudinais consonantes com os seus princípios.

O Manual do Comando da Aeronáutica (MCA) 36-8, que dispõe sobre o “Perfil Profissional dos Oficiais da Aeronáutica”,³ é o documento que norteia as competências almejadas pelo Comando da Aeronáutica (COMAER) a serem atingidas durante a formação profissional do Cadete. Cada competência compreende um rol de conhecimentos, habilidades e atitudes. Esse documento utiliza o conceito emergente de “Guerra de Quinta Geração”,⁴ demonstrando uma preocupação quanto ao preparo e à integridade moral do militar diante de temas como engenharia social e ideologia (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2021).

Se se considera uma análise da estrutura social de uma organização qualquer, percebe-se nela a presença de grupos formais e informais (SCOTT, 2021, p. 11). Grupos informais costumam possuir normas e sanções promovidas de acordo com o contexto sociocultural em que estão inseridos, enquanto que grupos formais tendem a operar normas e sanções escritas em regulamentos oficiais, dispostas de forma impessoal (SCOTT, 2021, p. 12). No contexto da AFA, os grupos informais se originam, por exemplo, dos laços de amizade nos Esquadrões, nos clubes acadêmicos, nas modalidades desportivas e nas turmas de aula.

Para Weber, Henderson e Parsons (2012), organizações tendem, naturalmente, à burocratização, isto é, a tornar seus processos cada vez mais formais, impessoais, hierarquizados, padronizados e especializados. Embora no início esse processo melhore a eficiência das operações, com o passar do tempo ele pode se tornar excessivo e, a partir de certo ponto, resultar ineficiente.

Weber, Henderson e Parsons (2012) se preocuparam com essa tendência dominante na sociedade moderna devido às suas consequências na vida social, descrevendo-a como a metáfora da “Jaula de Aço”. Dentro de uma organização, o processo de burocratização faz com que os grupos formais e informais coexistam, porém com relevantes desarmonias entre eles (SCOTT, 2021, p. 13). O psicólogo Elton Mayo, na experiência de Hawthorne,⁵ por exemplo, percebeu o impacto do ambiente informal em termos de motivação dos funcionários de uma organização, compreendendo que a simples solução pragmática de usar reforços positivos e negativos era insuficiente para

³ Também reconhecido a partir da sigla “PPOA”.

⁴ A “Guerra de Quinta Geração” foi descrita por Daniel H. Abbot (2010) como uma guerra de informação e percepção, em que os atores buscam minar a política e a cultura de uma nação por meio de técnicas de desinformação, engenharia social e ataques cibernéticos.

⁵ Elton Mayo coletou informações detalhadas sobre os trabalhadores da *Western Electric's Hawthorne Plant* em Cicero, Illinois, para analisar quais fatores os motivavam a trabalhar com mais agilidade e eficiência (SCOTT, 2021, p. 13).

aumentar a produtividade a longo prazo. Mayo notou que os grupos informais demandavam um espaço de tempo para fortalecer a sua coesão e identidade coletiva, pois ao serem lançados ao trabalho sem qualquer significado maior que os unisse passavam a considerar o ambiente repetitivo e entediante. Ele também percebeu que as normas dos grupos informais poderiam (ou não) estar de acordo com as normas da organização dependendo da visão que os funcionários coletivamente alimentassem, passando então a valorizar as relações humanas na Administração, rompendo com as antigas teorias mecanicistas (SCOTT, 2021, p. 13). A problemática da burocratização é uma realidade que se estende à AFA, especialmente entre os Cadetes, que estão sujeitos a uma rotina rígida e constante, regulada por normas e procedimentos específicos. Nesse contexto, o surgimento de grupos informais com valores dissonantes daqueles pregados pela instituição é uma possibilidade concreta.

Muitas instituições buscam utilizar a linguagem simbólica como uma ferramenta para atribuir significado às atividades do trabalho, comunicando a sua história, os seus valores e a sua cultura, para gerar simultaneamente no indivíduo uma conscientização sobre a importância moral dessas atividades e uma identificação que o torne apegado a elas (ELIADE, 2013).

O processo de aprendizagem social em que a cultura organizacional é compartilhada e assimilada por meio da comunicação simbólica denomina-se “socialização” ou “enculturação” (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 118). Nesse processo, a formação da identidade se dá pela interação das novas gerações com o ambiente da organização e com seus respectivos conteúdos, provenientes de gerações anteriores, sendo que o indivíduo vai sendo introduzido ao mundo objetivo desta organização enquanto setor da sociedade. A aprendizagem social é observável, em termos práticos, na formação de hábitos, e a sua consequência é o desenvolvimento do sentimento de coletividade (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 118).

A socialização é, portanto, altamente dependente da linguagem, seja a apreendida conscientemente ou a de caráter simbólico.⁶ Cabe destacar que o desenvolvimento da linguagem entre os seres humanos pré-históricos representou um marco importante, pois contribuiu diretamente para o fenômeno da metacognição, que atualmente constitui objeto de pesquisa essencial ao estudo da aprendizagem (TERRACE, 2005). Mais do que tão somente pensar, o ser humano sabe que pensa e é capaz de refletir sobre seus próprios pensamentos (PEIXOTO, 2007).

⁶ Conceituações e aplicações antropológicas sobre essa relação entre socialização e linguagem serão resgatadas ao longo desta pesquisa.

Assim, o fenômeno da metacognição permite que a noção de *identidade* seja muito mais sofisticada nos seres humanos do que em qualquer outra espécie (TERRACE, 2005, p. 265). Ao interpretar a realidade em que está inserido por meio da articulação linguística, o ser humano desenvolve, ao longo da vida, a sua visão sobre o mundo, sobre o Outro e sobre ele mesmo. As informações interpretadas são armazenadas em sua memória, conformando um arcabouço de conhecimentos prévios que auxiliam na interpretação das informações subsequentes. Ao serem resgatadas, essas informações também se manifestam na consciência por meio da linguagem, sob a forma de pressupostos (NETTO, 2011). A quantidade, a veracidade e a qualidade dos pressupostos conhecidos permitem que o ser humano interprete eventos cada vez mais complexos, capacitando-se cada vez mais para solucionar problemas mais difíceis e garantindo sua sobrevivência e sua perpetuação genética diante de um ambiente naturalmente hostil.

Paralelamente, na Filosofia, o austríaco Wittgenstein (2013) já afirmava que “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. A título de exemplo, o conhecimento da linguagem aprendida em livros sobre um determinado assunto permite a um leitor se comunicar com mais sofisticação a respeito de tal assunto. Da mesma forma, os símbolos de operações matemáticas permitem ao homem realizar cálculos complexos, facilitando as suas operações lógicas durante o processo.

Na Semiótica, a linguagem é comumente entendida como todo o conjunto de símbolos aos quais a mente humana atribui significados (RIBEIRO, 2010). Quando a perspectiva da linguagem é integrada aos estudos da Psicologia e da Sociologia, permite-se entender que a sua presença e aplicação englobam desde o discurso transmitido diretamente ao receptor por meio da fala e da escrita até o discurso que se subentende quando se observa o espaço físico de uma organização ou os ritos, as rotinas e as tradições que ela perpetua por meio da chamada “linguagem simbólica” (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013). Todas essas informações são involuntariamente absorvidas pelo indivíduo e influenciam a forma com que ele pensa e age. A atitude do indivíduo quanto à interpretação dessas informações também exerce influência sobre a percepção que possuirá delas e, conseqüentemente, da organização à qual elas se referem.

Diversos teóricos relacionam a motivação com a noção de autoconsciência, de pertencimento e de identificação. Nesses processos, a linguagem aparece novamente como uma das principais fomentadoras. Para Baruch Spinoza (2008), a essência da motivação que permite a uma pessoa realizar algo em vida é o que ele chama de “potência de agir”. O filósofo holandês atribui o significado deste conceito à palavra “alegria”. Alegria é definida como a passagem do ser humano

para um estado mais potente do seu próprio ser, algo que o energiza para agir. Assim, o indivíduo motivado é um indivíduo alegre.

Quando experimentada pelos militares em seu contexto organizacional, a alegria é comumente referenciada como “vibração”. Esse conceito se refere a “[...] um momento de totalização, no qual o indivíduo sente-se integrado num todo (corpo e alma) emergindo a vontade de ser militar e que, surgindo em um indivíduo, contagia os demais” (FEIJÓ, 2017, p. 74-75). Paralelamente, Tom Morris (1997), citando Aristóteles, define a felicidade humana como a participação em algo que traga preenchimento. Assim, o ser humano se vê feliz e motivado à medida que percebe o seu agir cooperando por valores que transcendem o seu próprio ser. A alegria e a vibração constituem, portanto, elementos motivadores e geradores de coesão em um determinado grupo, apreendidos por meio da interação social e do uso da linguagem.

É desejável para a Força Aérea Brasileira (FAB), de modo geral, que as novas gerações de Oficiais tenham seus modos de pensar e de agir motivadamente alinhados com o seu planejamento estratégico, de modo a tornar mais eficaz o cumprimento das normas emanadas. Este esforço, que é possível mediante o uso de estratégias de doutrinação com alta carga simbólica, tradicional e ritualística (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 118), é o que motiva a ênfase da presente investigação, que tenciona analisar o papel da linguagem simbólica presente na AFA na formação da identidade militar e das características previstas no Perfil Profissional dos Oficiais da Aeronáutica (PPOA), ressaltando ditos fenômenos na relação com o Cadete.

Para tal, são estipulados como objetivos específicos analisar a relação entre a História e a criação de símbolos e tradições; descrever os principais símbolos, tradições e ritos da AFA e a sua relação com a história da FAB; analisar o papel dos símbolos e das tradições como fenômenos psicológicos individuais e como ferramentas de socialização e relacionar os conceitos de motivação com a formação da identidade militar do Cadete da Aeronáutica. Tem-se, assim, como pergunta de pesquisa, o seguinte questionamento:

Como a presença e a forma com que é empregada a linguagem simbólica expressa nas diversas representações visuais, tradições, ritos e rotinas na AFA pode influenciar os Cadetes da Aeronáutica a ponto de construírem a identidade militar e as características profissionais definidas no PPOA?

1 METODOLOGIA

A elaboração dessa pesquisa se pauta em uma análise qualitativa que explora a relação causal entre a presença da linguagem simbólica no ambiente institucional da AFA e a constituição psicológica dos Cadetes da Aeronáutica enquanto membros desta instituição, adotando os referenciais alcançados pelo campo da Sociologia Militar no Brasil. Assim, o cotidiano do Cadete foi analisado conforme sua inserção em uma instituição total, ou seja, “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (CASTRO, 2007, p. 1). Tal cotidiano foi cuidadosamente observado sob enfoques multidisciplinares das Ciências Humanas, analisando no Cadete seus comportamentos e a identidade que lhe é introjetada ao longo dos quatro anos de formação, comparando-os com os ideais propostos nos principais documentos do Comando da Aeronáutica (COMAER).

Em um primeiro momento foram delimitados alguns aspectos psicológicos próprios da vida de um indivíduo como Cadete na AFA. Em seguida, foram observados os principais elementos que influenciam o pensamento e o estilo de vida dos Cadetes dentro de seus grupos formais e informais, tal como descrevem os conceitos da tradição sociológica clássica.

O uso do simbolismo organizacional foi colocado em evidência no contexto do interesse da FAB enquanto defensora da soberania nacional ao dispor de Quadros de Oficiais formados que preservem moralmente os valores militares históricos que a fundamentam como instituição. Para tal foram descritos, por meio da observação do pesquisador, os principais elementos visuais presentes no cotidiano dos Cadetes, englobando produções culturais como bustos, insígnias, placas, monumentos e padrões arquitetônicos, dentre outros. Essas produções culturais foram contextualizadas de acordo com o propósito para o qual foram criadas, descrevendo brevemente as histórias que resgatam e os valores que intencionam transmitir.

Uma vez compreendida a relação causal entre símbolos e tradições, história e identidade, examinou-se o uso desses elementos como ferramentas de motivação, considerando os modelos derivados das pesquisas mais recentes no campo da Psicologia Social. Os efeitos da exposição de um indivíduo aos símbolos presentes na organização militar foram analisados e detalhados, especialmente no tocante à sua identificação com os valores da organização. Para tal, estão constantemente relacionados nesta pesquisa termos associados à ressignificação de ideias e à adequação de atitudes, liderança, moral e ética.

Por fim, a possibilidade de identificação discutida nos tópicos anteriores foi aprofundada por meio da ideia de participação do Cadete como componente ativo da história da instituição, analisando nesse contexto a possibilidade de compreensão da relação entre o “eu” militar e os grupos sociais que o compõem o seu Quadro, tendo como base principal a Sociologia e a Psicologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESTRATÉGIA E DOCTRINA DA FAB

A Diretriz do Comando da Aeronáutica (DCA) 11-45 – “Concepção Estratégica Força Aérea 100” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2018, p. 20) prevê que a missão da Aeronáutica consiste em “manter a soberania do espaço aéreo e integrar o território nacional, com vistas à defesa da pátria”. No Programa de Formação e Fortalecimento de Valores (PFV), apresentado na forma do MCA 909-1, pontua-se que

no cenário atual, é extremamente oportuno que não somente os Cadetes e Alunos das escolas de formação da DIRENS [Diretoria de Ensino da Aeronáutica], mas todos os integrantes do efetivo sejam levados a refletir, com profundidade, sobre as questões de ética e de *apego aos valores*, temas que a própria sociedade brasileira organizada vem tentando resgatar. Assim, é necessário fundamentar, em bases sólidas, a convicção nas crenças, a cultura e as tradições inerentes ao papel e à missão das Forças Armadas, visto ser inegável haver um conflito entre os tradicionais valores militares e os valores hedonistas da sociedade moderna, voltados para o consumo e o prazer, num contexto de diversidade de interesses e relativismo (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2021, p. 6, grifo nosso).

No excerto anterior destacam-se elementos como o “apego aos valores”, que se desenvolve por meio de uma fundamentação consistente de crenças, culturas e tradições. Tal fundamentação objetiva fortalecer a convicção do indivíduo militar quanto à sua escolha de sacrificar a própria vida pelo serviço à pátria. Percebe-se, portanto, profundo interesse por parte da FAB em promover um ambiente frutífero para a formação de grupos sociais compostos de indivíduos sinceramente concordantes com os valores da instituição, convictos da honradez de suas crenças.

Retornando à DCA 11-45, dois dos valores essenciais que traduzem a personalidade da Força Aérea enquanto instituição são o “comprometimento” e o “patriotismo”. O primeiro é definido nos seguintes termos:

[...] a satisfação de pertencer à Instituição, externada pela demonstração cotidiana de entusiasmo, motivação profissional, espírito de sacrifício, gosto pelo trabalho bem-feito, dedicação integral à missão e aos seus companheiros, trabalho em equipe e lealdade ao País e aos irmãos de farda (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2018, p. 21).

Já o segundo é definido como

[...] o sentimento de orgulho, amor e devoção incondicional à sua terra, aos seus símbolos, às suas instituições e ao seu povo. É a razão do amor dos que querem servir ao seu País e ser solidários com a Nação, traduzido pelo compromisso permanente de fidelidade e devoção à Pátria, em quaisquer circunstâncias (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2018, p. 21).

Ambos os valores supracitados guardam, em suas definições, termos que devem ser isolados para que possam deixar-se abordar pela ótica da literatura científica:

- a) “satisfação de pertencer à Instituição” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2018, p. 21);
- b) “demonstração cotidiana de entusiasmo, motivação profissional, espírito de sacrifício, gosto pelo trabalho bem-feito, dedicação integral à missão e aos seus companheiros, trabalho em equipe e lealdade ao País e aos irmãos de farda” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2018, p. 21);
- c) “sentimento de orgulho, amor e devoção incondicional à sua terra, aos seus símbolos, às suas instituições e ao seu povo” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2018, p. 21);
- d) “compromisso permanente de fidelidade e devoção à Pátria, em quaisquer circunstâncias” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2018, p. 21).

2.2 REFERENCIAIS NAS ÁREAS DA SOCIOLOGIA E DA PSICOLOGIA

Retomemos Castro (2021) para elucidar a relação entre o ideal descrito para “comprometimento” e “patriotismo” nos termos destacados com os fenômenos estudados por sociólogos e psicólogos sociais. Uma instituição militar é vista como organização *totalizante*, isto é,

formadora de um ambiente em que a coletividade é preeminente sobre os indivíduos. O resultado deste fenômeno é a inserção do grupo em um âmbito altamente contextualizado, com cultura, tradições, ritos, rotinas, assuntos e vocabulário próprios.

Na formação dos Cadetes da Aeronáutica, o isolamento do mundo civil por quatro anos causa diferenciação ainda maior, o que aumenta a identificação de cada indivíduo com o grupo em um processo que mobiliza, notadamente, fortíssimos vínculos emocionais e afetivos. Nos momentos em que o grupo está reunido com um objetivo comum – seja em uma missão, um treinamento ou uma tarefa, por exemplo –, a intensidade destes vínculos pode ser expressa pelo sentimento de vibração.

A vibração é, portanto, a representação do sucesso da instituição militar em desenvolver o entusiasmo, a motivação e a energia que permitem a cada indivíduo dedicar-se ao cumprimento de uma tarefa, trabalhando em equipe com orgulho, amor e devoção a sua pátria, aos seus símbolos, as suas instituições e ao seu povo (CASTRO, 2021). Ao término desta tarefa, o que permanece é o sentimento de satisfação do grupo por pertencer à instituição – sentimento este resultado das memórias acumuladas das diversas experiências vividas. Tal satisfação motiva um temporário período de grato compromisso e fidelidade tanto à pátria quanto à instituição em si.

Nos termos da psicologia clássica, quanto mais se usa a memória secundária (de longo-prazo), mais os registros dos momentos vividos são construídos de forma robusta e duradoura (JAMES, 2018). Tal memória é ativada por meio da constante repetição. Da mesma forma, na medida em que momentos coletivos de vibração são multiplicados no decorrer da formação do Cadete da Aeronáutica, a memória vai sendo estimulada a relembrar mais facilmente das emoções vivenciadas, relacionando-as com a instituição.

Nas escolas de formação militar, a inserção do indivíduo no ambiente coletivo faz parte do que Lourenção e Nascimento (2013) definem como processo de doutrinação. O objetivo da doutrinação é construir, no indivíduo, uma identidade que seja harmônica às exigências da instituição. Dito processo se dá pelo ato contínuo de transmitir, ao grupo, a cultura organizacional pré-estabelecida por meio da comunicação, especialmente a de caráter simbólico.

Segundo Kahn (1975), a cultura compreende um complexo de conhecimentos da arte, da moral, das leis, dos costumes e de demais capacidades presentes em uma comunidade. Como visto anteriormente, no ambiente militar, tais elementos perpassam a convivência do grupo entre gerações. No contexto específico da AFA, a sucessão dos Esquadrões do Corpo de Cadetes da

Aeronáutica (CCAer) representa a respectiva sucessão de gerações.⁷ Destarte, o processo pelo qual as novas gerações internalizam os conteúdos provindos pelas gerações anteriores, formando a sua identidade, é o que caracteriza a socialização nesse ambiente (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 118).

A relevância deste conceito para o escopo da pesquisa reside na constatação de que “pela socialização ocorre o desenvolvimento de atitudes e sentimentos coletivos” (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 118). Assim, tal processo se relaciona diretamente com o conceito de *vibração* encontrado em Castro (2021) na medida em que prepara o ambiente em que está inserido o grupo, capacitando-o a vivenciar aquele estado de coesão e entusiasmo que motiva os seus membros. Um grupo militar altamente coeso e que tem a *vibração* como força motriz para o cumprimento de suas tarefas pode compensar o caráter desmotivador da burocratização percebido por Elton Mayo (SCOTT, 2021, p. 13). Em seus estudos, Mayo constantemente destacava que a impessoalidade gerada pelo excesso de repetição e de complexidade nos processos rotineiros fazia com que os indivíduos perdessem a sua identificação com a instituição. Seus grupos informais, ganhando força por meio da convivência constante, estabeleciam as suas próprias regras – algumas delas divergentes dos valores organizacionais. A solução para esse problema, segundo Mayo, consistia em que a própria instituição considerasse com mais diligência o aspecto psicológico e social em seus processos, cultivando inclusive um terreno fértil para as relações interpessoais no ambiente de trabalho (SCOTT, 2021, p. 14). Essa descoberta fornece uma base fundamental para o estudo dos fenômenos característicos da experiência humana nas organizações, como, por exemplo, as diversas formas de linguagem utilizadas. Assim, a instituição que prontamente se conscientiza a respeito das peculiaridades da socialização nos grupos formais e informais coloca-se a si mesma como um agente influenciador dos seus assuntos, estabelecendo um canal de comunicação em que seus valores possam ser transmitidos.

⁷ Os Esquadrões do CCAer são grupos compostos por cerca de duzentos jovens que ingressam na AFA anualmente, seja por meio de um concurso público ou diretamente após se formarem na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR). Após completarem o Estágio de Adaptação Militar (EAMI), esses jovens se tornam *Cadetes da Aeronáutica* e progredem na hierarquia a cada ano, sendo designados como pertencentes ao “Primeiro”, “Segundo”, “Terceiro” e, por fim, “Quarto” Esquadrão. Ao final dos quatro anos de formação, uma placa contendo os nomes de cada integrante do Esquadrão é descerrada e exposta em destaque no pátio principal da Academia (paraboloides). Os ex-Cadetes costumam se reunir a cada cinco anos nos chamados encontros de turma.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência da formação de identidade do Cadete na AFA foi analisada a partir de sua exposição gradual à linguagem simbólica presente no ambiente institucional. São apresentadas, a continuação, com base na literatura da área, tendências internas e externas que afetam direta ou indiretamente a forma com que esses símbolos influenciam o Cadete. Isso porque, em sua experiência individual, o Cadete é moldado tanto pela cultura da sociedade quanto pela cultura militar.

3.1 O CONTEXTO DA VIVÊNCIA DO CADETE DA AERONÁUTICA NA ACADEMIA

No que se refere ao contato social *fora* do ambiente militar, o jovem tem a oportunidade de interagir durante os períodos de licença que lhe são concedidos, sobretudo em finais de semana e feriados. Além disso, atualmente, uma parte significativa dessa interação ocorre por meio de tecnologias digitais de informação e comunicação, que possibilitam a conexão remota do Cadete com contextos diversos e externos ao militarismo.

Com o avanço das tecnologias, a grande disponibilidade e o imediatismo da informação fazem com que o Cadete esteja cada vez mais envolvido com assuntos da atualidade. Além disso, o Cadete também é capaz, por exemplo, de seguir personalidades através de redes sociais como *YouTube*, *Twitter* e *Instagram* de acordo com suas preferências pessoais, carregando consigo opiniões, crenças e valores. O ambiente psicológico do Cadete é, portanto, altamente influenciado pelas mais diversas forças.

Quanto à sua socialização no ambiente militar, o Cadete é influenciado por diferentes formas de linguagem, desde palestras de formação de valores⁸ até atividades motivacionais e de liderança, bem como pela exposição constante aos ritos, às tradições e aos meios imagéticos da instituição que compreendem a sua linguagem simbólica. A doutrinação é conduzida por um conjunto de órgãos dispostos no espaço físico da Academia, que atuam de maneira sistemática. Cada órgão desempenha um papel específico na formação.

⁸ Tais palestras são organizadas pela Seção de Doutrina, órgão que será apresentado a seguir, em conformidade com as recomendações do PFV, e costumam ser ministradas por Oficiais do CCAer, que nelas discorrem sobre experiências práticas de sua carreira relacionadas a um “valor do mês”.

O CCAer é um dos órgãos mais importantes na formação do Cadete, acumulando os seus aspectos atitudinal, doutrinário, físico e militar. As áreas da formação são conduzidas por seções, de modo que as mais diretamente presentes na vida do Cadete são a Seção de Educação Física (SEF), a Seção de Doutrina (SDOUT) e a Seção de Instrução Militar (SIM). A seção do CCAER responsável pela formação doutrinária é a SDOUT. Ela costuma ser composta por seis Oficiais de carreira, ou seja, que se formaram na Academia. Tais indivíduos carregam consigo a responsabilidade de orientar o campo atitudinal dos Cadetes em direção aos padrões exigidos pelo PPOA.

A Divisão de Ensino (DE) é outro órgão de grande relevância, pois é em seu espaço físico que o Cadete frequenta a grande maioria dos seus tempos de aula, lá permanecendo por muitas horas semanais. É um órgão não subordinado funcionalmente ao CCAer, sendo chefiado por militar de elevada patente muito por conta da grande complexidade e da quantidade de processos, responsabilidades e atribuições. Desta feita, seu efetivo é composto tanto de militares (de carreira e temporários) quanto de civis.

Nesses ambientes, o Cadete vai sendo exposto às tradições das gerações anteriores. Alguns órgãos possuem tradições e místicas próprias, submetendo o Cadete a diversos ritos, enquanto outros se mostram mais pragmáticos. Por esse motivo, tais seções carregam consigo características próprias, que geram diferenças entre os seus respectivos climas organizacionais.

3.2 RELAÇÕES ENTRE A HISTÓRIA, O SÍMBOLO E A TRADIÇÃO

De forma geral, a simbologia empregada na AFA possui, como traço marcante, um esforço pelo resgate da sua história. Uma parte considerável dos monumentos remete aos heróis e às personalidades históricas relevantes para o desenvolvimento da FAB.

Pesquisas antropológicas apontam que a História possui um papel importante na construção da identidade dos indivíduos. Dentro de um grupo social, “o sujeito é marcado pela sua historicidade, pela história presente nas suas experiências imediatas e pela história inserida na tradição da sua cultura” (SOUZA, 2004, p. 1). Tal fenômeno se relaciona diretamente com a linguagem que é apreendida pelo indivíduo no ambiente em que está inserido, pois a sua constituição psicológica se mostra ancorada em narrativas, sejam aquelas construídas por ele sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca ou aquelas a ele legadas pela tradição cultural de que faz parte. A memória e a representação identitária construídas pelo sujeito passam, então, a acompanhar

essas narrativas, contribuindo para a formação da sua organização subjetiva, através da qual ele se reconhece e reconhece o Outro (SOUZA, 2004, p. 1-2).

A presença da História na experiência dos indivíduos não só desempenha um papel identitário fundamental, mas também acarreta uma série de outros benefícios significativos. A relação entre a conscientização cultural que engloba o conhecimento histórico é positivamente apontada em pesquisas antropológicas. O filósofo e economista estadunidense Thomas Sowell (2021) percebeu, por exemplo, que em uma sociedade ou em um extrato dela, os indivíduos que alcançam maior sucesso e contribuição são aqueles com maior “capital cultural”, que configura uma capacidade intelectual adquirida por meio de conhecimentos acumulados acerca do ambiente no qual está inserido. Pessoas com elevado capital cultural são capazes de transcender a mera execução de tarefas, pois compreendem profundamente o contexto no qual elas surgiram, percebendo inclusive o seu propósito, a sua relevância atual ou até mesmo o seu possível anacronismo. O resgate da História nas tradições, nos ritos e em outras formas de linguagem simbólica em uma instituição militar são, portanto, elementos que incrementam o processo de identificação daqueles que nela estão imersos.

3.3 RITUAIS E TRADIÇÕES DA FORMAÇÃO E A LINGUAGEM SIMBÓLICA

3.3.1 Rituais de inserção do Cadete e os seus simbolismos

Nos momentos iniciais de sua formação, sendo identificado doutrinariamente como estagiário, o jovem Cadete é exposto a um tradicional rito de passagem, em que toda a turma de ingressantes realiza uma série extenuante de exercícios físicos em frente a uma grande cruz, enquanto o ambiente ao redor é decorado por efeitos pirotécnicos cuidadosamente dispostos por militares especializados, mantendo-se rigorosos critérios de segurança. Esse costume carrega consigo um intenso simbolismo. A cruz, embora relacionada ao cristianismo, na totalidade do rito não fere o princípio de laicidade do Estado, limitando-se ao arquétipo da experiência e do contexto, não havendo associação a nenhuma tradição religiosa específica. Dessa forma, o rito abrange tão somente o valor simbólico, comum à grande maioria da população brasileira. O arquétipo em questão encontra origem na história da Paixão de Cristo, oriunda dos Evangelhos, mobilizando ideias ligadas ao sacrifício, ao amor e à justiça (MUNHOZ, 2015). O cenário flamejante também é comum ao imaginário popular devido à abrangência histórica do movimento pentecostal brasileiro.

Essa tradição costuma envolver uma conexão pessoal e íntima do indivíduo com o divino, motivando diversas virtudes, sendo a principal manifestação simbólica dessa conexão o fogo.

Nas pesquisas de Jung (2018), a cruz de fato representa a figura arquetípica do sacrifício, já que a morte e ressurreição de Cristo é a imagem que ela diretamente resgata. Nesse sentido, a cruz simboliza a ideia de que, para alcançar a totalidade e a integração, é necessário que o Cadete sacrifique certas partes de si mesmo para renascer e crescer. A exposição dos Cadetes a esse simbolismo especialmente em um momento de elevado estresse físico e psicológico permite criar memórias mais latentes e que posteriormente serão resgatadas, seja conscientemente ou inconscientemente, quando o futuro Oficial se deparar com dilemas morais ou situações difíceis. A superação de cumprir com essa breve etapa da formação adiciona a estas memórias um sentimento de satisfação. De fato, o pesquisador Mihaly Csikszentmihalyi (1992) conduziu experimentos que constataram a satisfação de indivíduos em realizar esforços de acordo com a relação entre a habilidade em cumpri-los e o nível de desafio da tarefa. O processo de superação de um momento difícil sob estado de fluxo facilita a interiorização de valores que propositalmente foram representados por meio dos símbolos presentes durante o ritual. As descobertas desses experimentos carregam consigo uma importância que não se limita apenas aos rituais de inserção, mas que se fazem presentes ao longo de toda a formação dos Cadetes, como se faz notar nessa pesquisa.

3.3.2 Os ritos da Bandeira Nacional e o patriotismo

Na semiótica militar, a Bandeira Nacional se apresenta como o elemento mais destacado. Simbolicamente, é hasteada em um alto mastro e deve estar sempre em posição mais elevada em relação às outras insígnias, representando sua supremacia sobre todos os demais símbolos. Os desfiles militares usualmente compreendem ritos de saudação e respeito ao Pavilhão Nacional.

Na AFA, os Cadetes participam de diversas formaturas, e a grande maioria delas conta com a presença de ritos que envolvem a Bandeira Nacional. Ao longo de toda a carreira do militar referidas formaturas também estão presentes. Existe uma explanação geral a respeito do motivo pelo qual essas cerimônias são conduzidas especialmente nos estágios iniciais da formação – geralmente, a prática consiste em atrelar oportunamente à identidade militar ideais tais como a obediência, o amor e o respeito à pátria independentemente de opiniões pessoais e/ou abordagens subjetivas. Nesta lógica, percebe-se uma forte aplicação da ética deontológica e, em menor

expressão, da ética das virtudes, mas não há, para o Cadete, em sua formação, um ensino aprofundado a respeito do caráter psicossocial desses ritos.

Considerando os objetivos de desenvolvimento de liderança na FAB previstos no PPOA, previamente mobilizado nesta pesquisa, espera-se do Oficial uma atitude que supere o mero acato aos costumes e às tradições da instituição e que envolva uma capacidade de analisar processos e compreendê-los em seu propósito, participando deles de forma genuinamente motivada e concordante. A compreensão dos processos sociais e psicológicos por trás destas cerimônias patrióticas é um exemplo atitudinal, mas não é o único esforço a ser trabalhado dentre os Cadetes. Entender os aspectos internos às instituições é apenas uma parte do processo de conscientização, uma vez que o PPOA também evoca, em seu texto, características que exigem do Oficial entender as tendências da sociedade em que está inserido, a fim de contextualizar adequadamente o seu ambiente de trabalho e permitir, na tomada de decisão, atitudes que protejam a estabilidade da instituição à qual pertence.

O esvaziamento de significado dos valores expressos no simbolismo das organizações na era contemporânea é uma tendência discutida por diversos autores das ciências sociais, e influencia diretamente na formação da identidade de um indivíduo ou de um grupo. Zygmunt Bauman (2007) o apresenta como uma faceta do fenômeno da “modernidade líquida”. Nessa disposição estrutural, as certezas e valores humanos passam a perder cada vez mais os seus significados frente ao pragmatismo e à relativização de conceitos antes indiscutíveis. Nesse panorama, as instituições mais tradicionais são aquelas que possuem o maior potencial de serem afetadas, pois são altamente dependentes de valores e crenças. Dessa forma, a resposta dessas organizações exige todo um processo de ressignificações conceituais.

As escolas psicológicas fornecem quadros oportunos sobre a relação da mente humana com certos eventos, os valores atribuídos a eles e a possibilidade de sua ressignificação. No campo da Terapia Cognitivo Comportamental, por exemplo, parte do processo terapêutico envolve mudar padrões de pensamento e comportamento que geram emoções negativas acerca de um determinado evento, como desânimo, indisposição ou mesmo ansiedade, fenômenos percebidos como consequências da modernidade líquida em Bauman. Parte das habilidades e estratégias contra esses padrões negativos envolve uma reestruturação cognitiva, que consiste na ressignificação das dificuldades e na compreensão de novos aspectos a respeito do mesmo assunto (BECK, 2013). No caso da Bandeira Nacional, do valor “patriotismo” e de todos os símbolos deles decorrentes, um exemplo de aplicação dessa reestruturação seria explorar no indivíduo a possibilidade de trabalhar

em si alguns pontos de vista que são negligenciados na era contemporânea, mostrando, por exemplo, como o ideal desinteressado de atuar para o bem da nação que guarda os seus familiares e entes queridos gera satisfação e felicidade.

Um outro exemplo de teoria psicológica que ilustra e embasa a possibilidade de ressignificação de conceitos e valores diante de tendências sociais prejudiciais internalizadas no indivíduo é a Gestalt, em que a compreensão súbita e profunda sobre o papel de um evento antes desvalorizado é chamada *insight*. A experiência envolve esclarecer o evento que, justamente por conta do desconhecimento de causalidade, parecia sem propósito e esvaziado de significado, por meio de uma reorganização perceptual de informações que já estavam presentes. Uma das tendências da sociedade contemporânea é justamente a impressão de perda do propósito em eventos ritualísticos, frente às grandes exigências de produtividade e o pragmatismo das rotinas em geral. Com a correta compreensão, entretanto, o indivíduo pode perceber repentinamente uma relação significativa entre elementos que antes não pareciam ter relação entre si. É uma mudança de perspectiva que permite que a pessoa veja um evento de maneira diferente e, portanto, possa vivê-lo de forma mais eficaz (PPERLS, 1969).

O exemplo da Bandeira Nacional, enquanto símbolo supremo da nação brasileira e das suas instituições, ilustra relações que também podem ser percebidas nos símbolos militares. O esvaziamento dos significados na sociedade pode ameaçar a cultura militar, minando a dimensão simbólica dos seus ritos. No contexto da AFA, as cerimônias militares são associadas à manutenção da disciplina militar, e o desempenho dos Cadetes é constantemente avaliado. Nesse processo, normalmente aplicam-se reforços negativos ou positivos. Para gerar uma motivação mais profunda, entretanto, as pesquisas psicológicas demonstram que é necessário que sejam reforçados no Cadete o intuito e a importância desses ritos. A Teoria da Autodeterminação demonstra que procedimentos institucionais podem ser introjetados em indivíduos ou grupos, mas desde que esses sejam estimulados quanto à sua competência, autonomia e conexão social (APPEL, WENDT e ARGIMON, 2010, p. 357). Dessa forma, uma motivação melhor introjetada pela instituição seria aquela que desafiaria os Cadetes a aceitar as suas peculiaridades, inclusive as ritualísticas, ao compreender a sua razão de existir e perceber que essa razão é congruente com seus valores pessoais e com o pertencimento a um grupo distinto. Essa introjeção ocorre, em primeiro nível, no plano simbólico, mas logo passa a se estender às mais diversas áreas de interesse da instituição, gerando um comportamento regulado e integrado.

3.4 OS SÍMBOLOS DISPOSTOS NO ESPAÇO FÍSICO DA AFA

Além dos rituais e das tradições que se perpetuam ao longo da sua formação, o Cadete de Aeronáutica também é exposto aos mais diversos conteúdos imagéticos dispostos no espaço físico da AFA. Dentre esses conteúdos destacam-se bustos de heróis que manifestam os valores da instituição (como o de Alberto Santos-Dumont, o “Pai da Aviação”), monumentos com epígrafes que narram a importância do poder aeroespacial e dos deveres militares (como algumas frases notáveis de personalidades como Winston Churchill e Douglas MacArthur, por exemplo), exposição de símbolos das mais diversas áreas de atuação (como as insígnias dos Quadros), memoriais que narram a história de gerações anteriores, dentre outros.

Por viver em regime de internato durante quatro anos, o tempo de exposição do Cadete a estes conteúdos aumenta consideravelmente. A AFA constitui, portanto, um ambiente rico em cultura e história aeronáutica militar. Cabe destacar que, em algumas áreas de seu espaço físico, a concentração de elementos simbólicos que retomam tal história é mais evidente, como na região do CCAer, onde se instauraram monumentos como as águias do Pátio da Bandeira, que retratam cada um dos quatro Esquadrões da Academia, e o Ícaro, que representa todos aqueles que faleceram exercendo a atividade aérea. Em outras regiões, a presença de símbolos dá lugar ao minimalismo e ao pragmatismo funcional. A seguir, são apresentados os principais elementos simbólicos que compõem o espaço físico da AFA.

3.4.1 O Código de Honra do Cadete da Aeronáutica

Códigos de honra são monumentos relevantes em instituições militares, constituindo um conjunto de princípios éticos que guiam o comportamento dos seus membros. Essas construções retomam, ao mesmo tempo, a ética deontológica e a necessidade humana de autorrealização, pois enaltecem o senso de dever estabelecendo princípios universais a serem seguidos igualmente por todos os membros, desenvolvendo sua identidade moral e fornecendo orientações claras sobre o que é esperado dos membros da organização em termos de comportamento ético, permitindo que cada indivíduo se sinta parte de algo maior, com um propósito claro.

O sociólogo Émile Durkheim (2008) afirma que a moralidade humana compreende regras e valores que orientam o comportamento e mantêm a coesão social. Um código de honra constitui, então, elemento fundamental para manter a integridade da organização enquanto comunidade, pois permite que

os membros da organização compartilhem dos mesmos valores e princípios éticos, tornando-se comprometidos com os objetivos comuns, o que aumenta a eficácia e a eficiência do grupo como um todo.

Nas escolas de formação da FAB, a forma com que os alunos se relacionam com os seus respectivos códigos de honra varia conforme cada organização. Comparativamente, na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), localizada em Barbacena-MG, o monumento do Código de Honra dos Alunos é altamente valorizado. Identifica-se, ao longo do processo de formação, a construção de uma sacralização desse símbolo, a fim de gerar nos alunos o culto aos valores e ao ideal de caráter militar. O filósofo Mircea Eliade (2017) entende esse tipo de monumento simbólico como estabelecedor de mensagens que transcendem barreiras culturais e linguísticas comuns, permitindo que as pessoas compartilhem experiências e compreendam conceitos complexos de maneira mais simples e direta, se identificando como parte de uma comunidade maior e conectando-se com os antepassados e com a história de um local. A importância da dimensão simbólica do viver é tamanha que não pode ser separada da experiência humana, nem negligenciada, pois, como apontam as pesquisas de Eliade, “o pensamento simbólico, em todas as suas dimensões, é consubstancial ao ser humano e precede qualquer linguagem e razão discursiva” (RIBEIRO, 2010, p. 46).

A proeminência deste monumento na Escola se reflete na tradicional Cerimônia de Juramento ao Código de Honra, em que os alunos ingressantes prometem seguir os dizeres: “Nós nos comprometemos com a verdade, com a honestidade e com a justiça, bem como repudiamos entre nós atitudes contrárias a essas”.



Figura 1 Registro de uma solenidade de Juramento à Bandeira – alunos da EPCAR

Fonte: reprodução/Força Aérea Brasileira. Disponível em:

https://www2.fab.mil.br/epcar/images/noticias/2017/11.10_Codigo_Honra/JRL_5762.JPG. Acesso em: 09 abr. 2023.

Na AFA, o Código de Honra é composto de cinco valores: *Coragem, Lealdade, Honra, Dever e Pátria*. Quanto aos rituais, não existe uma cerimônia de juramento tal qual a que ocorre com os alunos da EPCAR. A quantidade de eventos em que os Cadetes da AFA se envolvem com o monumento também é menor se comparada com a rotina da Escola.

Ao tratar da escassez de rituais e símbolos na era contemporânea, Eliade (2017) apresenta, como consequências, a alienação e a desesperança devido à desassociação do sentido transcendente nas atividades diárias, com a perda do propósito que motiva o ser humano a agir.

Tal necessidade de transcendência é reafirmada constantemente pela psicologia, como se percebe a partir da Teoria da Hierarquia das Necessidades, de Abraham Maslow (1954), em que ela aparece como o nível mais elevado da hierarquia. O sentido transcendente da vida é aquele em que o indivíduo supera os seus próprios interesses e se conecta com algo maior, como a humanidade ou a religião, passando a fazer parte de algo mais amplo e significativo, contribuindo para um bem comum. Para Maslow (1954), a busca pela transcendência pode ser uma fonte de realização e felicidade, sendo assim uma dimensão importante da experiência humana.



Figura 2 Código de Honra do Cadete da Aeronáutica

Fonte: reprodução/Força Aérea Brasileira. Disponível em:

[https://www2.fab.mil.br/afa/images/ DESTAQUE CAPA Aeronaves Monumentos e Locais de Destaque/C%C3%B3digo de Honra 1.jpg](https://www2.fab.mil.br/afa/images/DESTAQUE_CAPA_Aeronaves_Monumentos_e_Locais_de_Destaque/C%C3%B3digo_de_Honra_1.jpg). Acesso em: 09 abr. 2023.

3.4.2 Os símbolos dos Esquadrões do CCAer

No CCAer, os grafismos tradicionais denominados “bolachas” representam a imagem e a identidade de cada Turma, sendo levados em alta estima. No âmbito da FAB, seu surgimento data de seus primórdios, com a icônica insígnia “Senta a Púa”, do 1º Grupo de Aviação de Caça (CALAZA, 2018). Desde então, seu uso foi constantemente incentivado nas mais diversas organizações militares da Força Aérea.

As bolachas das turmas da AFA tendem a apresentar, como figura principal, alguma divindade mitológica, especialmente da Grécia Antiga. As escolhas são normalmente feitas com base no impacto das suas histórias e, sensorialmente, pela sonoridade de seu nome e também pela imponência da sua representação visual. As características evocadas pelas figuras escolhidas tendem a ser associadas com os valores e as atitudes demonstradas pela turma ao longo do Estágio de Adaptação Militar (EAMI), etapa que compõe a iniciação do Cadete na Academia. Algumas turmas, contudo, tendem a representar ainda algumas características do Comandante da Turma, geralmente quando este tende a ser um líder expressivo, carismático ou admirado.

Nos termos da psicologia analítica, esses grafismos se apoiam em arquétipos da experiência humana e constituem “instrumento para transmissão de conotações psicossociais que estão ligadas à missão, e/ou à formação histórica de cada unidade militar” (PUJOL-LUZ; TOMAZINI; ALMEIDA, 2021, p. 123). Dessa forma, se constrói um senso comum, que é fruto dos valores herdados por meio desses arquétipos.

Enquanto forte transmissora de mensagens, a Arte se baseia em percepções comuns à experiência do *Homo Sapiens* ao longo da sua história enquanto espécie, resgatando imagens que carregam, em seus significados, o sistema de valores de uma sociedade. Tais valores são, portanto, repassados às novas gerações mediante instrumentos de transmissão cultural, como mitos, religiões, ícones e manifestações artísticas, tal como as “bolachas”. Assim, o elemento artístico simbólico carrega consigo formulações tangíveis de noções éticas ou, ainda, incorporações concretas de ideias, atitudes ou crenças, além de fontes de informação sobre padrões culturais, sendo capazes de modelar o comportamento público (PUJOL-LUZ; TOMAZINI; ALMEIDA, 2021).

3.5 AS TRADIÇÕES DOS QUADROS E A SUA LINGUAGEM SIMBÓLICA

Embora a AFA demonstre elevada preocupação inicial com a introjeção da identidade militar nos Cadetes, em um certo ponto esse esforço necessita progredir para um patamar no qual a identificação passe a abranger, com o máximo de intensidade possível, as respectivas áreas de atuação profissional do Cadete. Os chamados “Quadros” desempenhados em cada um dos três Cursos de Formação de Oficiais oferecidos pela Academia são categorias importantes na medida em que representam a forma com que os futuros Oficiais aplicarão seus esforços ao longo de dezenas de anos, representando, como líderes, uma moderna Força Aérea.

Neste ponto da pesquisa, a dimensão simbólica presente na formação em cada Quadro é analisada conforme a sua influência na vida dos jovens Cadetes. Nesta subseção, os Quadros são apresentados não necessariamente na sua ordem hierárquica funcional, mas pela relevância que suas cargas simbólicas expressam no contexto geral da Academia.

3.5.1 No Quadro de Aviação

Por sua centralidade funcional, o Quadro de Aviação é aquele que possui maior destaque simbólico na AFA, pois constitui a atividade-fim da FAB, de modo que todas as demais funções, especializações e Quadros visam conspirar para o bom cumprimento de suas missões. Como reflexo dessa natureza estruturalmente proeminente, toda a cultura da Força Aérea, seus símbolos e suas tradições retomam a atividade da Aviação. A mística do aviador como herói é algo positivamente explorado pela instituição e muito contribui para que a identificação junto a esse arquétipo seja algo desejado dentre as mais diversas camadas da sociedade.

Durante a formação, os Cadetes Aviadores possuem, como áreas de destaque, os dois Esquadrões de Instrução Aérea (1º e 2º EIA), espaços que pertencem à Divisão de Operações Aéreas (DOA) da Academia e que estão repletos de tradições que marcam a subjetividade do Cadete Aviador. Características específicas (como a extrema dificuldade em cada voo e a necessidade de união nos estudos), além da presença de eventos tradicionais com elevado simbolismo (como o recebimento do macacão de voo e o banho de mangueira após a conclusão de cada etapa do curso, seguido do recebimento do cachecol estilizado de aviador) e ainda inúmeros detalhes dispostos no espaço físico dos Esquadrões (pinturas, quadros personalizados das turmas, fotos de diversas aeronaves da FAB, poemas e textos motivacionais sobre a aviação, além dos

próprios aviões, hangares e simuladores disponíveis para treinamento, dentre inúmeros outros) geram um intenso vínculo identitário com o Quadro, imergindo o Cadete Aviador a este ambiente ao longo de sua trajetória com atividades aéreas.

Toda a estrutura simbólica da AFA se vê construída, portanto, para apoiar a atividade aérea, de modo que a instituição salienta, em seu Corpo de Cadetes e nos militares do efetivo, a importância dessa atividade-chave. A linguagem simbólica da Academia reforça continuamente o elemento da vibração com o voo. O conhecimento de vetores aéreos e de suas capacidades é altamente estimulado, de maneira que a memorização de procedimentos de voo por parte dos aviadores começa ainda no EAMI. O idealismo e o heroísmo inerentes à atividade são constantemente enfatizados, seja por meio de vídeos institucionais, filmes e clipes elaborados pela Seção de Comunicação Social (SCS) e pela Imprensa da Sociedade dos Cadetes da Aeronáutica (SCAer), ou ainda através de monumentos, pinturas e diversas outras produções culturais e artísticas.

Nesse sentido, pautando-se nas teorias até então discutidas, percebe-se a presença de alguns elementos marcantes, como a relação dinâmica entre os desafios e as habilidades do Cadete Aviador na medida em que suas competências vão sendo gradualmente incrementadas; a presença da coletividade na atividade aérea, por exemplo, fornece um solo fértil para o surgimento de momentos de realização e de totalização coletiva, isto é, de vibração; por fim, uma grande quantidade de tradições e elementos físicos expressos nestas atividades carregam consigo um forte simbolismo.

Os Cadetes Aviadores são, portanto, resguardados por uma alta carga simbólica que os fornece diversos benefícios psicológicos diante da dificuldade da sua formação profissional militar específica. Mesmo diante dos processos burocráticos comuns aos outros dois Quadros, o Cadete Aviador pode encontrar, na sua atividade profissional prática, um refúgio psicológico, recuperando constantemente para si o motivo pelo qual está se submetendo à rigidez do processo, a sua complexidade e aos consequentes efeitos da burocratização da organização.

3.5.2 No Quadro de Infantaria da Aeronáutica

O Quadro de Infantaria é amplamente reconhecido por herdar uma rica tradição, apresentando diversos aspectos peculiares que geram, em seus membros, uma identidade diferente daquela notada nos demais Quadros militares. Sua natureza intrínseca aparenta demandar um elevado zelo quanto à liderança, tendo em vista que as atividades práticas de treinamento e as

operações reais de combate costumam envolver militares de diversas patentes. As tradições são cuidadosamente preservadas para sempre enfatizar a importância da união, da lealdade e da camaradagem. A urgência dos conflitos, que constituem a finalidade direta para o qual esses militares são treinados, é o que impulsiona essa necessidade de união, que possibilita facilitar a operacionalidade dentro das tropas.

Dentre os Quadros da Força Aérea, pode-se afirmar que a Infantaria desempenha papel fundamental na formação da cultura institucional devido à sua responsabilidade como condutora de operações militares. Durante as corridas realizadas em Treinos Físicos Militares (TFM), por exemplo, grande parte das canções entoadas são relacionadas a esse Quadro, exaltando sua história, suas atividades e seus cursos operacionais.

No âmbito da AFA, a noção de separação, seja nas exclusivas atividades práticas, nas distintas experiências vivenciadas e até mesmo na distribuição de suas salas de aula no espaço físico da DE, ligeiramente distantes das salas de aula dos outros Quadros, cria-se uma identidade profundamente enraizada. As atividades práticas desempenham um papel significativo, pois simulam características da guerra e incentivam os Cadetes de Infantaria a deixarem de lado o individualismo e atuarem de forma coletiva. A coletividade nesse processo também está intrinsecamente ligada à experiência compartilhada de vibração. A relação entre o cenário gradualmente desafiador e as habilidades que diante dele vão sendo incrementadas é essencial na construção da identidade, pois além do trabalho em equipe, também se estimula a motivação, como já evidenciado em pesquisas sobre o estado de fluxo (CSIKSZENTMIHALYI, 1992). Esses fatos destacam o papel dessas atividades na formação de um senso de coletividade, seriedade e responsabilidade dentro do Quadro de Infantaria.

3.5.3 No Quadro de Intendência

A Intendência da Aeronáutica carrega consigo a enorme responsabilidade da gestão e da logística, considerando a complexidade técnica dos processos administrativos sob sua alçada e a grande demanda de suprimentos que surge das peculiaridades de emprego da Força Aérea. Os Intendentes possuem uma formação intelectual ampla que engloba diversas atividades administrativas, como a condução de procedimentos licitatórios, a gestão de contratos, a gestão financeira, patrimonial e contábilística, a logística de atividades de campanha e de missões operacionais, a subsistência e diversos outros.

Os Cadetes Intendentes despendem grande parte do seu tempo na DE, certamente mais do que os Cadetes dos outros dois Quadros, dada a natureza de suas funções e a elevada carga de conhecimentos teóricos necessários à formação profissional. Se comparada à do CCAer, a quantidade de elementos simbólicos dispostos no espaço físico da DE é menor, muito por conta do enfoque prático que a atividade educacional exige. Ainda assim, de forma geral, o Quadro de Intendência é perceptivelmente o que mais carece de elementos simbólicos e de tradições a serem perpetuadas na Academia, embora essa atividade possua, como um todo, uma história bem-estruturada e que carrega consigo grandes feitos relacionados a antepassados notáveis, tanto no contexto do Brasil como do mundo.

Tal como afirmado anteriormente nesta pesquisa, a insuficiência de simbolismo gera deficiências na identificação do indivíduo com as suas ocupações. Por vezes, os momentos de identificação ocorrem nos estágios e nas práticas que, mesmo sendo de caráter administrativo, ainda assim são mais concretas do que a exposição ao aprendizado teórico. O Cadete Intendente, em consonância com o que se discute nas teorias aqui apresentadas, se vê mais identificado e motivado com a sua futura profissão ao entrar em contato direto com as atividades que de fato vai exercer. Essa identificação é fortalecida quando ele percebe a magnitude da sua importância e o bem que pode realizar com os conhecimentos adquiridos, assim como a longa história daqueles que o precederam e contribuíram positivamente para a sociedade. Dessa forma, ele enxerga claramente a si mesmo como parte de um grupo honrado. Um esforço de fortalecimento do simbolismo desse Quadro deveria, portanto, considerar esses aspectos, assim como enaltecer em suas tradições os valores que contribuem para o bom cumprimento das suas atividades, como a honestidade, a busca pela excelência no âmbito coletivo, a transparência e o comprometimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações aqui reunidas demonstram as formas com que a linguagem simbólica disposta no ambiente militar impacta os aspectos psicológicos e sociais dentre os Cadetes da Aeronáutica. Ela gera, em primeiro lugar, uma identificação que é processada inconscientemente, ou seja, sem que ele necessariamente a perceba. Tal identificação é apontada como um agente de harmonização com os objetivos e ideais da instituição, conforme expressos em seus documentos, constituindo um tipo profundo e abrangente de doutrinação.

Assim, primeiramente o PPOA desempenha uma função essencial ao manter constante recordação do papel que o Cadete deve assumir para si e desenvolver ao longo de sua formação: o de um Oficial investido de um perfil distintivo. A prontidão plena é alcançada quando esse perfil é integralmente atingido. Já o PFV busca orientar as ações e os pensamentos dos Cadetes, voltando-os para os valores fundamentais da instituição e da vida militar que materializarão esse perfil, estabelecendo como meta para isso o uso de uma abordagem sistêmica.

A burocratização, entretanto, corrompe o processo de doutrinação sempre que gera grupos informais dissonantes com os valores da instituição, formando um ambiente no qual o Cadete é levado a criar associações e impressões errôneas sobre tais valores, reduzindo em sua percepção a legitimidade dos seus processos. Mesmo imerso em uma instituição total, o Cadete pode se ver corrompendo a construção de seus significados.

Na análise das atividades realizadas pelos Cadetes, porém, a pesquisa identifica a possibilidade de esforços ressignificadores, apontando para uma relação entre construtos teóricos de pesquisas distintas. As pesquisas sobre o estado de fluxo demonstram que os novos desafios a serem constantemente inseridos na rotina do Cadete podem motivá-los, enquanto a sociologia militar exalta os eventos em que a coletividade e o trabalho em equipe são estimulados, gerando o sentimento de vibração e uma forte noção de união. A pesquisa multidisciplinar indica, portanto, que tais momentos devem ser incentivados ao longo da formação inteira, pois neles os símbolos militares, a história da instituição e as tradições retomam o seu significado primordial. Dessa forma, a identificação gerada pelo simbolismo organizacional é reforçada e tem seu significado recuperado pelas experiências práticas de desafios coletivos pelos quais o Cadete passa.

A pesquisa evidencia, portanto, o papel da vibração na formação atitudinal. Os momentos em que essa percepção é possível constituem uma quebra da repetição e da rotina, e conseqüentemente do fenômeno da Jaula de Aço (WEBER; HENDERSON; PARSONS, 2012). A vibração é, dessa forma, o elo que mantém o propósito da atividade militar diante da necessidade do estudo, do treino e da manutenção de uma série de responsabilidades cabíveis aos Cadetes. Esses momentos parecem, portanto, constituir a essência contínua do processo de construção da identidade do Cadete da Aeronáutica.

Ao confirmar que as visões sobre a doutrinação militar podem ser ampliadas para além do uso da linguagem comum, a pesquisa evidencia que o uso da linguagem simbólica pode ser compreendido como um método, podendo ser incorporado a programas como o PFV, sendo capaz

de atingir de forma mais ampla e profunda o comportamento dos Cadetes, formando neles os papéis exigidos pela Força Aérea.

Quanto ao emprego propriamente dito da linguagem simbólica, a pesquisa revela que os seus efeitos se relacionam diretamente com a percepção sensorial e contextual que o Cadete adquire dela. A sua aplicação é conveniente nos mais diversos setores em que o Cadete despense as suas horas diárias, tanto quanto for possível e apropriado, de acordo com o perfil militar em geral e com a respectiva atividade que exerce em seu Quadro. Nesse sentido, a pesquisa sugere um esforço de fortalecimento da identidade dos Cadetes através da aplicação do simbolismo a ser manifestado na invenção de tradições, considerando-se, para tal, a relevância de elementos como atividades coletivas marcantes, ritos associados às etapas da formação e grafismos que estimulem o sentimento de pertencimento ao grupo. Nesses esforços, é sugerida uma vinculação entre as gerações por meio da valorização da história dos respectivos Quadros, atrelando os ideais a serem atingidos pelos Cadetes às figuras de seus heróis. Essas sugestões ganham especial relevância nos Quadros que mais carecem de simbolismos e tradições próprias, como o Quadro de Intendência.

Por vezes, os métodos de doutrinação sequer são conduzidos conscientemente pelos instrutores, sendo antes repassados pela força do hábito, visto que muitos desses instrutores foram igualmente formados na Academia, tendo passado pelo mesmo processo de doutrinação. A pesquisa revela, portanto, que os ritos e os símbolos institucionais, ao serem repetidos e reforçados pela força da tradição, cumprem o papel de influenciar mentes e adequar pessoas aos valores institucionais, tornando-se, ao longo do processo de socialização, atores praticamente independentes, embora formados pelo conjunto de vivências das gerações anteriores. Dessa forma, a linguagem simbólica tanto molda as mentes dos militares quanto é moldada por elas, acumulando todos os exemplos, conhecimentos, ideais, crenças, normas e convicções daqueles que já passaram pela instituição. Mais do que formar uma noção de clima organizacional no imaginário dos Cadetes, ela altera a forma como eles interpretam o mundo.

Em um aspecto mais amplo, a pesquisa revela que a importância da dimensão simbólica na vida e na formação atitudinal humana é tal que, por esse mesmo motivo, o significado dos ritos não pode ser reduzido à mera aplicação de reforços positivos ou negativos, embora estes tenham a sua parcela de importância. Antes, eles devem ser apresentados com os elevados propósitos que carregam. O aspecto simbólico dos eventos da Academia não pode ser omitido nem aos Cadetes nem aos Oficiais, mas ambos devem estar cientes tanto da existência da dimensão simbólica quanto do seu papel como fomentadora de caráter e de ideais.

A pesquisa também abre diversas oportunidades para que se explorem mais profundamente e nos diversos campos da ciência os processos de doutrinação aqui descritos, bem como o papel dos fenômenos psicológicos na formação do Cadete da Aeronáutica. Nesse sentido, ela pode se mostrar frutífera como base para trabalhos futuros que adotem metodologias antropológicas de coleta de dados envolvendo, por exemplo, estudos de caso e pesquisas de campo. Dessa forma, novas hipóteses podem ser levantadas, e as hipóteses aqui apresentadas podem ser confirmadas, refinadas ou aperfeiçoadas.

Por fim, da pesquisa se verifica a alta complexidade dos processos psicológicos por trás da formação do Cadete. Tal complexidade exige dos setores responsáveis um alto grau de conhecimento, sobretudo na área das Ciências Humanas. A pesquisa reafirma, portanto, a necessidade de que os líderes que acompanham a formação estejam munidos desses conhecimentos. Oficiais possuidores de um arcabouço acadêmico e que estudem diligentemente as áreas da Psicologia, da Filosofia e da Sociologia sob a ótica militar terão à sua disposição ferramentas a partir das quais poderão compreender com mais profundidade e clareza os fenômenos por trás das estruturas sociais estabelecidas, tornando-se mais capacitados e habilidosos em lidar com indivíduos ou grupos. Na AFA, o corpo docente constitui uma relevante força intelectual nesse aspecto, possuindo em conjunto um corpo de conhecimentos massivo que é valioso para a compreensão dos fenômenos humanos. A comunicação constante entre os seus setores e o CCAer favorece um cenário em que a formação seja conduzida com excelência, unindo a capacitação intelectual com a experiência prática de liderança que já é tão comum na carreira militar.

O Oficial da FAB é, antes de tudo, um ser humano, do tipo que carrega consigo uma grande tarefa: a de orientar e guiar aqueles sob sua responsabilidade. A natureza do seu trabalho exige dele um conhecimento profundo da humanidade. Para ele, mais do que para os outros, *nada do que é humano lhe pode ser alheio.*⁹

⁹ Parafraseando o filósofo Terêncio.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, D. H. **The Handbook of Fifth-Generation Warfare (5GW)**. Ann Arbor: Nimble Books, 2010.

APPEL, M.; WENDT, G. W.; ARGIMON, I. I. L. A Teoria da Autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 2, p. 351-369, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/688>. Acesso em: 18 out. 2022.

BANTZ, C. R.; PEPPER, G. L. **Understanding organizations: Interpreting organizational communication cultures**. University of South Carolina Press, 1993. Disponível em: <https://scholarworks.iupui.edu/handle/1805/15553>. Acesso em: 18 out. 2022.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. São Paulo: Schwarcz/Companhia das Letras, 2007.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental**. Artmed Editora, 2013.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. The social construction of reality. *In*: LONGHOFER, W.; WINCHESTER, D. (ed.). **Social Theory Re-Wired**. Londres: Routledge, 2016. p. 110-122.

BORGES, L. O. *et al.* Comprometimento no trabalho e sua sustentação na cultura e no contexto organizacional. **RAE eletrônica**, v. 3, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/raeel/a/3HNK7K36GZxr94cJPTL9sQh/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2022.

BOURDIEU, P. *et al.* **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BUENO, M. As teorias de motivação humana e sua contribuição para a empresa humanizada: um tributo a Abraham Maslow. **Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão**, v. 6, 2002.

CALAZA, C. P.; LOPES FILHO, H. **1964 – Precursores da Academia da Força Aérea – O novo “Ninho das Águias”**. Rio de Janeiro: Luzes – Comunicação, Arte & Cultura, 2018.

CARVALHO, J. M. Implicações de viver o sentido: por uma aproximação de Victor Frankl com Ortega y Gasset. **Argumentos: Revista de Filosofia, Fortaleza**, ano 9, n. 18, p. 120-135, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32156>. Acesso em: 18 out. 2022.

CASTRO, C. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CASTRO, C. Goffman e os militares: sobre o conceito de instituição total. **Militares e política**, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mp/article/view/33764>. Acesso em: 18 out. 2022.

- CASTRO, C. Inventando tradições no Exército brasileiro: José Pessoa e a reforma da Escola Militar. **Revista Estudos Históricos**, v. 7, n. 14, p. 231-240, 1994. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1986>. Acesso em: 18 out. 2022.
- CASTRO, C. **O espírito militar**: um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- CSIKSZENTMIHALYI, M.; CSIKSZENTMIHALYI, I. S. (ed.). **Optimal experience**: Psychological studies of flow in consciousness. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- DA SILVA NETO, J. M. *et al.* Teorias da Semiótica e Cultura Organizacional: estudo em uma instituição militar do Exército Brasileiro. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, v. 14, n. 1, p. 20-32, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rcmccuerj/article/download/5532/4020>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DA SILVA PEREIRA, F. Uma abordagem do ethos militar: as diferentes visões sobre os valores castrenses. **Revista Silva**, v. 3, n. 2, p. 126-141, 2019. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/silva/article/view/3427>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DANTAS DE CARVALHO, W. **The Professional Ethics of Brazilian Air Force Officers**. 2019. Tese (Doutorado) – National Security Affairs (NSA), Naval Postgraduate School, California, 2019. Disponível em: <https://calhoun.nps.edu/handle/10945/62244>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DE MACÊDO SANTANA, V. N. A Semiótica em Cartazes de Convocação de Jovens para a Revolução Paulista de 1932 e para o Alistamento Militar em 1939. *In*: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO CULTURA E INTERATIVIDADE, 2020. **Anais [...]**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/AnaisPPGDCI/article/view/7553/6272>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DE MATOS, A. S. Breve história do protestantismo no Brasil. **Vox Faifae**: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, v. 3, n. 1, 2011.
- DE SOUSA, A. B.; SALGADO, T. D. M.. Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. **Revista Liberato**, v. 16, n. 26, p. 141-152, 2015. Disponível em: <https://revista.liberato.com.br/index.php/revista/article/view/363>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DE VALENTIM, R. P. F.; TRINDADE, Z. A. Sobre Memória, Representação e Identidade Social: alguns aspectos teóricos. **Revista Polis e Psique**, v. 1, n. 2, p. 60-60, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/21487>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DEMO, M. A. O. **A formação de oficiais e as políticas educacionais da Academia da Força Aérea Brasileira**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2400/DissMAOD.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DURKHEIM, É.; NASSETTI, P. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

FEIJÓ, O. G. Vibração: soldados sempre em forma, soldados fiéis. **Revista de Educação Física/Journal of Physical Education**, v. 86, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/242>. Acesso em: 18 out. 2022.

FERREIRA, A. *et al.* **Teorias de motivação**: uma análise da percepção das lideranças sobre suas preferências e possibilidade de complementaridade. XIII SIMPEP-Bauru, SP, Brasil, v. 6, 2006. Disponível em: https://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/114.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.

FERRELL, O. C. *et al.* **Business ethics: Ethical decision making and cases**. Cengage learning, 2021.

HANNAH, S. T.; AVOLIO, B. J. Moral potency: Building the capacity for character-based leadership. **Consulting Psychology Journal: Practice and Research**, v. 62, n. 4, p. 291, 2010. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2011-00172-006>. Acesso em: 18 out. 2022.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (vol. 1).

ISLAM, M. M. S. **O Impacto da Globalização Cultural sobre o Serviço Militar**. *Military Review*, 2021. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/journals/educacao-brasileira/arquivos/segundo-trimestre-2021/islam-militar/>. Acesso em: 18 out. 2022.

JAMES, W. **Principles of psychology**. San Bernardino: Pantianos Classics, 2018. (vols. 1 e 2).

JUNG, C. G. *et al.* **O homem e seus símbolos**. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. São Paulo: Vozes, 2018. (vol. 5).

KAHN, J. S. El concepto de cultura: textos fundamentales. **Cultura, Language y Sociedad**. Anagrama, p. 157-248, 1975.

LOUREIRO, S. R. **L'enseignement d'une élite? A (re) invenção das tradições na Academia Militar Paulista (1931-1944)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_4ab6c8a80ce8d9473e47edd3a56b80e7. Acesso em: 18 out. 2022.

LOURENÇÃO, H. J.; NASCIMENTO, M. M. A constituição da subjetividade militar em cadetes da Academia da Força Aérea (AFA). **Revista Sul-Americana de Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 114-133, 2013. Disponível em: <http://ediciones.ucsh.cl/ojs/index.php/RSAP/article/view/1723>. Acesso em: 18 out. 2022. [mimeo].

LUTHANS, F.; DOH, J. P. **International management: culture, strategy, and behavior**. Nova York: McGraw-Hill Education, 2021.

- LÜTZ, C. *et al.* Fatores motivacionais extrínsecos para a profissão militar. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 10, n. 1, p. 164-188, 2012. Disponível em: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/314>. Acesso em: 18 out. 2022.
- MACEDO, L. O. B.; SAES, M. S. M. Semiótica e os microfundamentos da lógica de decisão individual. **Organizações & Sociedade**, v. 27, p. 53-69, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/sJhn9c9bvQZnjzXFP6PJkt/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2022.
- MASLOW, A. **Motivation and personality**. Nova York: Harper & Row, 1954.
- MELLO, L. C. M. **A construção da identidade militar nas alocações**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3421>. Acesso em: 18 out. 2022.
- MIGUELES, C. P.; ZANINI, M. T. F. A natureza volitiva da motivação e a criatividade cultural: uma investigação antropológica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, p. 355-366, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/68923>. Acesso em: 18 out. 2022.
- MILLS, C. W.. **The sociological imagination**. Oxford University Press, 2000.
- MINISTÉRIO DA DEFESA. **Concepção Estratégica Força Aérea 100**. DCA 11-45. Brasília, DF: Comando da Aeronáutica, 2018. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=3081>. Acesso em: 18 out. 2022.
- MINISTÉRIO DA DEFESA. **Perfil Profissional do Oficial da Aeronáutica (PPOA)**. MCA 36-8. Brasília, DF: Comando da Aeronáutica, 2021. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=25793>. Acesso em: 18 out. 2022.
- MINISTÉRIO DA DEFESA. **Programa de Formação e Fortalecimento de Valores (PFV)**. MCA 909-1. Brasília, DF: Comando da Aeronáutica, 2021. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Busca/Download?codigoArquivo=16540>. Acesso em: 18 out. 2022.
- MORRIS, T. V. **If Aristotle ran General Motors: the new soul of business**. Nova York: Henry Holt And Co, 1997.
- MUNHOZ, M. M. A cruz como imagem. O imaginário que permeia o homem na formação da consciência nos fatos sígnicos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38. **Anais [...]**, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio de Janeiro, v. 4, 2015.
- NETTO, T. M. *et al.* Sistemas de memória: relação entre memória de trabalho e linguagem sob uma abordagem neuropsicolinguística. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, v. 3, n. 3, p. 34-39, 2011.

- PEIXOTO, M. A. P.; BRANDÃO, M. A. G.; SANTOS, G. Metacognição e tecnologia educacional simbólica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31, p. 67-80, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/S37BSpD3dsYsnFrrGqpGHXL/>. Acesso em: 19 out. 2022.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 18 out. 2022.
- PPERLS, F. S. **Gestalt-terapia explicada**. Summus Editorial, 1969.
- PUJOL-LUZ, J. R.; TOMAZINI, A. R.; DE ALMEIDA, M. C. Animais e arquétipos zoomórficos na iconografia da Força Aérea Brasileira. **A Bruxa**, v. 5, n. 7, p. 123-141, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360008113_Animais_e_arquetipos_zoomorficos_na_iconografia_da_Forca_Aerea_Brasileira. Acesso em: 10 abr. 2023.
- RIBEIRO, E. S. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos semióticos**, v. 6, n. 1, p. 46-53, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49258>. Acesso em: 18 out. 2022.
- ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.
- ROCHA, T. S. F. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio**: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG), 2012. Disponível em: https://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.
- RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos teológicos**, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.
- ROEHE, M. V. Revendo ideias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. **Revista Psico**, v. 36, n. 3, p. 9, 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1402/>. Acesso em: 18 out. 2022.
- ROSA, A. R.; BRITO, M. J. “Corpo e alma” nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, p. 194-211, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/xXpVXGRXGVzpB9cwWTXnPfx/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2022.
- ROSA, F. H.; HUTZ, C. S. Psicologia positiva em ambientes militares: bem-estar subjetivo entre cadetes do Exército Brasileiro. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, p. 158-171, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017549014>. Acesso em: 18 out. 2022.
- SANTOS, A. V. L.; TELLES, M. M. Formação Militar: Reflexões sobre a Abordagem da Inteligência Cultural. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 33, n. 67, p. 161-174, 2018. Disponível em: <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/913>. Acesso em: 18 out. 2022.

SCHMITZ WORTMEYER, D.; BRANCO, A. U. The canalization of morality in institutional settings: processes of values development within military socialization. **Culture & Psychology**, v. 25, n. 4, p. 589-604, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354067X19831214>. Acesso em: 18 out. 2022.

SCOTT, W. J.; DE ANGELIS, K. M.; SEGAL, D. R. **Military Sociology: A Guided Introduction**. Oxfordshire: Routledge, 2021.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 16, n. 1, p. 76-82, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010. Acesso em: 18 out. 2022.

SOUZA, M. **Mito fundador, narrativas e história oficial**: representações identitárias na cultura brasileira. Anais Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal. 2004.

SOWELL, T. **Conquests and cultures: An international history**. Basic Books, 2021.

SPINOZA, B.; TADEU, T.; CORAZZA, S. M. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TERRACE, H. S. **Metacognition and the evolution of language. The missing link in cognition: Origins of self-reflective consciousness**, p. 84-115, 2005.

VOLLI, U. **Manual de semiótica**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

WEBER, M.; HENDERSON, A. M.; PARSONS, T. **The Theory of Social and Economic Organization**. Mansfield Centre: Martino Publishing, 2012.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. Routledge, 2013.

WORTMEYER, D. S. *et al.* **O desenvolvimento de valores morais na socialização militar**: entre a liberdade subjetiva e o controle institucional. 2017. Tese (Doutorado) – Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24098>. Acesso em: 18 out. 2022.

ANEXO A – QUADRO TEÓRICO-CONCEITUAL DA PESQUISA

O presente Quadro visa facilitar o entendimento geral da pesquisa, dada a grande quantidade de construtos teóricos necessários para a sua confecção. Alguns conceitos são essenciais, e aparecem ao longo do texto da pesquisa; outros são acessórios, servindo para ampliar a reflexão. Sempre que possível, os conceitos aqui relacionados foram descritos conforme os termos utilizados na pesquisa.

Nome	Descrição
Símbolo	É uma representação que possui um significado convencionalmente atribuído, indo além de sua forma física ou literal. (RIBEIRO, 2010, p. 50-51)
Tradição	É um conjunto de práticas, valores, crenças, conhecimentos e costumes transmitidos de geração em geração dentro de uma comunidade ou grupo social específico. Ela engloba um legado cultural acumulado ao longo do tempo, refletindo a identidade, os rituais e as experiências compartilhadas por aqueles que a mantêm (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 118). A tradição desempenha um papel importante na formação da coesão social, na preservação da memória histórica e na transmissão de conhecimentos, garantindo a continuidade e a estabilidade cultural.
Rito	"É um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)" (RODOLPHO, 2004, p. 141).
Cultura	Compreende o complexo de conhecimentos, arte, moral, leis, costumes e demais capacidades presentes em uma comunidade (KAHN, 1975).
Metacognição	Fenômeno pelo qual o ser humano tem consciência dos seus próprios processos e produtos cognitivos, gerando para si mesmo uma noção de individualidade. "Metacognição é um termo amplo, usado para descrever

	diferentes aspectos do conhecimento que construímos sobre como nós percebemos, recordamos, pensamos e agimos. Uma capacidade de saber sobre o que sabemos. Um pensamento sobre o pensamento, uma cognição sobre a cognição ou um atributo cognitivo ou conhecimento sobre o fenômeno cognitivo" (PEIXOTO, 2007, p. 69-70).
Identidade	Efeito da metacognição, à percepção subjetiva e à compreensão de si mesmo e de pertencer a um grupo ou comunidade específica (PEIXOTO, 2007).
Fato social	“É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão numa sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria independente de suas manifestações individuais.” (DURKHEIM e NASSETTI, 2008, p. 13).
Socialização (enculturação)	É o processo de aprendizagem social em que a cultura organizacional é transmitida e assimilada por meio da comunicação simbólica. Nesse processo, a formação da identidade se dá pela interação das novas gerações com o ambiente da organização e com seus respectivos conteúdos, provenientes de gerações anteriores, sendo que o indivíduo vai sendo introduzido ao mundo objetivo desta organização enquanto setor da sociedade. A aprendizagem social é observável, em termos práticos, na formação de hábitos, e a sua consequência é o desenvolvimento do sentimento de coletividade (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013, p. 118).
Doutrinação	Processo em que, através da rigidez e da socialização extrema, se busca inculcar e internalizar certas ideias, valores, crenças e comportamentos em um indivíduo ou grupo por meio de métodos sistemáticos e intencionais (LOURENÇÃO; NASCIMENTO, 2013).
Semiose	É o processo de significação, ou seja, "da produção e circulação de sentidos" (VOLLI, 2007, p. 36).

PPOA	Definido pelo Manual do Comando da Aeronáutica 36-8 (2021), o Perfil Profissional dos Oficiais da Aeronáutica é o documento que norteia as competências almeçadas pelo Comando da Aeronáutica (COMAER), a serem atingidas durante a formação profissional do Cadete.
PFV	Definido pelo Manual do Comando da Aeronáutica 909-1 (2021), o Programa de Formação e Fortalecimento de Valores (PFV) é um conjunto de ações que norteia as atividades a serem desenvolvidas por todos os setores das Organizações Militares (OM) do COMAER. O PFV visa orientar ações e pensamentos, voltando-os para os valores fundamentais da Instituição e da vida militar. No viés “Formação”, o programa abrange o esforço conjunto de todos aqueles que participam, direta ou indiretamente, da formação dos alunos por meio de uma abordagem sistêmica, complementar e simultânea dos valores propostos. No viés “Fortalecimento”, procura sensibilizar o efetivo, em todos os níveis, quanto à importância e necessidade do culto aos valores fundamentais que norteiam a vida dos militares da Força Aérea Brasileira, ao longo de toda a carreira, e que devem fazer parte da Cultura Organizacional da Instituição.
Guerra de Quinta Geração	É descrita por Daniel H. Abbott (2010) como uma guerra de informação e percepção, onde os atores buscam minar a política e a cultura de uma nação por meio de técnicas de desinformação, engenharia social e ataques cibernéticos.
Grupos formais	São estruturas estabelecidas oficialmente com o propósito específico de cumprir objetivos, metas e tarefas designadas por uma estrutura hierárquica, e tendem a operar normas e sanções escritas em regulamentos oficiais, dispostas de forma impessoal (SCOTT, 2021, p. 12).
Grupos informais	Agrupamentos sociais que se formam espontaneamente dentro de uma organização, comunidade ou ambiente social, sem serem formalmente estabelecidos ou designados pela estrutura oficial. Eles são caracterizados por relações sociais e interações que surgem naturalmente entre as pessoas com base em interesses comuns, afinidades pessoais, amizades ou

	simplesmente pela proximidade física (SCOTT, 2021, p. 12).
Burocratização	Processo em que as operações de uma organização se tornam cada vez mais formais, impessoais, hierarquizadas, padronizadas e especializadas. Gera o efeito apelidado de "Jaula de Aço" (SCOTT, 2021, p. 13).
Linguagem	Na semiótica, a linguagem é comumente entendida como todo o conjunto de símbolos aos quais a mente humana atribui um conjunto de significados (RIBEIRO, 2010). O desenvolvimento da linguagem humana é visto como importante causa do surgimento da metacognição.
Teoria da Autodeterminação	Teoria psicológica que trata das questões motivacionais humanas, como os tipos de motivação extrínseca e os seus respectivos níveis de autonomia (APPEL, WENDT e ARGIMON, 2010).
Potência de agir	A energia ou essência da motivação que faz com que uma pessoa realize algo em vida (SPINOZA, 2018).
Alegria	A passagem do ser humano para um estado mais potente do seu próprio ser, algo que o energiza para agir (SPINOZA, 2018).
Vibração	“Um momento de totalização, no qual o indivíduo sente-se integrado num todo (corpo e alma) emergindo a vontade de ser militar e que, surgindo em um indivíduo, contagia os demais” (FEIJÓ, 2017, p. 74-75).
Instituição total	“Um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (CASTRO, 2007, p. 1).

Fonte: elaboração própria, com base em referencial de pesquisa.